

**ENTRE
O
MUNDO
E EU**

Gráfica
Aplicar
o Selo
FSC

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

**ENTRE
O
MUNDO
E EU
TA-NEHISI COATES**

Tradução
Paulo Geiger



Copyright © 2015 by Ta-Nehisi Coates

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a Spiegel & Grau, um selo da Random House, uma divisão da Penguin Random House, LLC, Nova York.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Between the World and Me

Capa

Alceu Nunes

Revisão

Fernanda Villanova

André Marinho

Carolina Vaz

Nota sobre o título

“Entre o mundo e eu” constitui uma variação da norma culta da língua portuguesa. Como este livro é uma conversa entre pai e filho, optou-se por refletir no título a informalidade do texto.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C584e

Coates, Ta-Nehisi

Entre o mundo e eu/ Ta-Nehisi Coates; tradução
Paulo Geiger. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
150p.

Tradução de: *Between the World and Me*
ISBN 978-85-390-0720-2

1. Coates, Ta-Nehisi – Narrativas pessoais. 2. Racismo
– Estados Unidos – História. 1. Geiger, Paulo. II. Título.

15-26016

CDD: 305.80973

CDU: 323.14(73)

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Para David e Kenyatta,
que acreditaram

INTRODUÇÃO

A voz de Ta-Nehisi Coates, um afro-americano nascido no gueto negro de Baltimore quarenta anos atrás, quando se deu a primeira explosão do crack, é ouvida com entusiasmo e respeito na comunidade negra dos Estados Unidos já há algum tempo. Como correspondente da revista *The Atlantic*, Coates tem denunciado em linguagem forte, respaldado na crueza dos dados relatados pelos agentes e pelas vítimas, ou registrados oficialmente, a violência policial, a discriminação habitacional e escolar, enfim, o racismo institucional que transforma os negros americanos em alvos do medo branco e do seu aparato de terror. A popularidade de Ta-Nehisi, filho de um combatente Pantera Negra dos anos 1960, que lhe batizou assim com um nome egípcio, é tão grande que foi recentemente convidado para dar vida a um novo super-herói, o Pantera Negra, numa série em quadrinhos para a Marvel.

Entre o mundo e eu é escrito em forma de uma carta de alerta e de apresentação da sociedade americana ao seu filho que faz quinze anos. Segue, portanto, um gênero literário que, no meio negro, foi aberto por James Baldwin em 1963 com *Dungeon Shook: Letter to my Nephew on the One Hundredth Anniversary of Emancipation*. Nesses quarenta e poucos anos muito mudou no meio negro e Ta-Nehisi lembra isso ao filho. A principal mudança é que os exterminadores, e todo o aparato repressivo do Estado, podem também estar controlados hoje por negros; o que pouca diferença faz — na verdade, nenhuma — para quem foi encapsulado nos guetos ou para quem traz as marcas corpóreas indelévels da escravidão. Mas a

Luta mudou, precisa mudar, e seu objetivo é tão utópico quanto, mas menos concreto: não se trata apenas de vencer o establishment da supremacia branca, mas de construir um novo humanismo para além das alianças apenas tribais ou nacionais — um cosmopolitismo forjado pelos que compreendem a enorme vulnerabilidade dos *corpos* humanos sob o jugo das opressões. Todos os que são marcados no corpo, tornados objetos da luxúria e da usura dos poderosos, como as mulheres ou os negros, sabem disso, ensina Ta-Nehisi.

O seu relato da infância e adolescência ao filho, nas primeiras cinquenta páginas, tem a crueza de suas crônicas da *Atlantic* — a violência vivida em casa como alerta (“Ou eu bato nele, ou bate a polícia”); nas ruas das periferias ou dos guetos, onde a leitura corporal precisa ser afinada e correta, e não se perdoa vacilos; nas escolas que não inspiram, não permitem sonhos, e mais aprisionam o corpo racializado que o libertam. A convivência diária com as gangues e a polícia. O saber esquizofrênico.

Finalmente, a Meca, a universidade negra de elite, Howard, assim conhecida por irradiar o saber entre os negros, onde o corpo pode ser transcendido, o medo aplacado e a beleza encarada de frente. Meca totalmente assumida, onde se aprende que a tribo ou a religião também precisam ser superadas e a irmandade do corpo negro precisa ser relativizada pelo cosmos, pelo amor, pelo conhecimento. Coates encontra em Howard a liberdade, entre seus amigos do Sul e do Norte, da Índia e do Caribe, de diferentes partes da África. O grande mito do poder negro, no passado e no futuro, é escrutinado nas aulas de história. O ódio ao exterminador não pode ser esquecido, perdoado, mas deve servir à superação do Sonho Americano e não à simples integração.

Passaram-se mais de quarenta anos desde as lutas heroicas pelos direitos civis. Uma Luta marcada fortemente pelo

contra-Sonho, forjado nos púlpitos das igrejas, ou nos mitos da raça negra, fabricados no panafricanismo e no afrocentrismo. O poder negro de Ta-Nehisi Coates, entretanto, recusa a religião, relativiza e nega a pureza africana para encontrá-lo num poder “mais glorioso que qualquer projeto de lei para o direito a voto”, uma vista do Sonho pelos de baixo, pelos que rompem grilhões, um poder que “ilumina todas as galáxias em suas mais verdadeiras cores. A vulnerabilidade do Corpo, objeto de pilhagem, exposto para controle, violência e aniquilamento, se transforma. A consciência e o conhecimento dessa vulnerabilidade será a porta para uma forma superior de humanidade, de conhecimento e de sensibilidade. Para além dos clãs e das nações: o mundo.

Mas para isso é preciso recusar o Sonho e conhecer o perigo que escondem os sonhadores. O Sonho Americano de uma terra de liberdade onde se deixava para trás a Europa, a fome, a violência de classe e as hierarquias rígidas. Sonho que funcionou para milhões de europeus, que na América se tornaram tão brancos quanto os escravocratas do Sul. Mas o Sonho acabou por não valer para quem foi escravizado, racializado, marcado pelo *corpo*, pela fisionomia, pela cor, controlado pelo terror, dissuadido pelo medo, emparedado em teorias de inferioridade e animalidade. Depois da Luta dos anos 1960, a América continua a viver seu sonho e a esquecer o seu terror, mesmo que agora incorporando a classe média de cor afluyente, que se protege em condomínios suburbanos como os brancos.

Este é um livro escrito por alguém de baixo, por um encurralado, da perspectiva do calabouço e de quem foi destinado a lá estar para que nosso Sonho não termine. Mas não é um livro que traga uma ideologia unanimemente aceita, nem que tenha sido absorvido com tranquilidade, mesmo pela comunidade negra norte-americana, no que pese a recepção entusias-

mada de Toni Morisson. Basta lembrar o desconforto que causou em Cornel West, que acusou Coates de se distanciar do ativismo recente em Ferguson, Baltimore, Nova York, Oakland, Cleveland... Que o culpabiliza por apoiar Obama, de ocupar espaço demais na mídia branca, que lamenta Toni Morisson ter adorado *Entre o mundo e eu* e tê-lo comparado a James Baldwin. Por muitas razões não há unanimidade, entre as quais enumero três: este é o livro de um ateu, que recusa o conforto espiritual diante do aniquilamento do corpo; de um feminista, que constrói seu feminismo na solidariedade entre os que têm os corpos ameaçados pela pilhagem; de um cosmopolita, para quem a tribo esconde os que continuam presos no Sonho dos opressores. A sua Luta não pode ser travada dentro do mito, da religião e da tribo, mesmo que diaspóricos. A sua utopia demora a medrar, talvez por isso ele escreva a seu filho, não apenas para lembrá-lo de que ele é antes de qualquer coisa um corpo marcado pela cor, uma carne barata, mas que a única maneira de transcender esse corpo é congregar-se em formas de ver, de sentir, de amar, de pensar de um ser humano no mundo. Mesmo que, e talvez por isso, esteja investido do poder negro.

Teremos, entre nós, algo comparável no Brasil? Apesar da República que promete igualdade e entrega desigualdades, da Abolição que não aboliu as marcas corpóreas da inferiorização, continuamos todos os brasileiros a nos considerar moralmente superiores aos supremacistas brancos norte-americanos. A morenidade nos protege, pensamos, assim como nossas velhas hierarquias classistas. Nós nos prendemos às classes, como a um sonho que nos livra do racismo — a discriminação vale para todos, pensamos, independente da cor, assim como a violência. É democraticamente de classe, nos contentamos a pensar!

Karl Marx, no prefácio de 1867 de *O Capital*, escrevia aos seus leitores alemães: “Se, contudo, o leitor alemão farisai-

camente encolher os ombros [...] ou se otimistamente se tranquilizar porque na Alemanha durante muito tempo as coisas ainda não estarão tão más, terei de lhe lembrar: *De te fabula narratur!*” Será preciso lembrar o mesmo ao leitor brasileiro de *Entre o mundo e eu*? Infelizmente, faz parte da nossa fragilidade nos deixarmos envolver pelo Sonho, no que pese o canto lancinante de Seu Jorge, Marcelo Yuka e Wilson Capeletti, na voz de Elza Soares: “a carne mais barata do mercado é a carne negra”...

O leitor brasileiro deve ler Ta-Nehisi pensando nos massacres do Carandiru, da Candelária, de Osasco, de Carapicuíba, de Guarulhos, da Rocinha, de, de, de... e de tantos outros lugares, e dos assassinatos individuais, milhares deles, cotidianos, vulgares, aceitos como única forma de defender o nosso sonho de nação e de civilidade. Do medo que mora nas favelas, no encurralamento dos espaços urbanos, nas fortalezas habitacionais etc. Mas se lembrará também de que, com a lei de cotas de 2012, milhares de jovens negros têm agora oportunidade de formar-se para a vida e para o exercício das profissões nas nossas Mecas do saber, que são as universidades federais. Conhecer as ideologias negras que lá se desenvolvem, as solidariedades diaspóricas que se tecem, mas também a utopia libertária de Franz Fanon e as novas aspirações humanistas que vêm à luz nesses espaços onde se festeja Zumbi, mas se lê Guerreiro Ramos, Abdias do Nascimento, Florestan Fernandes, Carlos Hasenbalg, Stuart Hall e tantos e tantos outros, ao lado de Foucault, de Bourdieu, de Marx etc. Enfim, o leitor aprenderá com Ta-Nehisi muito da sociedade norte-americana para refletir mais sobre si mesmo.

*Antonio Sérgio Alfredo Guimarães,
professor do Departamento de Sociologia da USP.*

*And one morning while in the woods I stumbled suddenly
upon the thing,
Stumbled upon it in a grassy clearing guarded by scaly oaks
and elms
And the sooty details of the scene rose, thrusting themselves
between the world and me...**

RICHARD WRIGHT

* E uma manhã, na floresta, deparei subitamente com a coisa,/ Deparei com ela numa clareira relvosa protegida por carvalhos e olmos descamados/ E assomaram os obscuros detalhes da cena, intrometendo-se entre o mundo e eu... (N. T.)

I.

*Do not speak to me of martyrdom,
of men who die to be remembered
on some parish day.
I don't believe in dying
though, I too shall die.
And violets like castanets
will echo me.**

SONIA SANCHEZ

* Não me fale de martírio,/ de homens que morrem para serem lembrados/ em algum dia de paróquia./ Eu não acredito em morrer,/ contudo, eu também morrerei./ E violetas como castanholas/ irão me ecoar. (N. T.)

Filho,

No domingo passado a âncora de um popular noticiário me perguntou o que significava perder meu corpo. A transmissão estava sendo feita de Washington, D.C., e eu estava num estúdio remoto, no extremo oeste de Manhattan. Um satélite cobria os quilômetros entre nós, mas nenhuma maquinaria poderia cobrir a lacuna entre o mundo dela e aquele para o qual eu tinha sido convocado a falar. Quando a âncora me perguntou sobre meu corpo, seu rosto desvaneceu na tela e foi substituído por palavras que rolavam, era um texto que eu havia escrito naquela mesma semana.

A âncora leu essas palavras para os telespectadores e, assim que terminou, voltou ao tema do meu corpo, embora não o tenha mencionado de forma direta. Mas a esta altura já me acostumei ao fato de pessoas inteligentes me perguntarem sobre a condição do meu corpo sem se darem conta da natureza de

sua pergunta. Especificamente, a âncora queria saber por que eu achava que o progresso da América branca, ou melhor, o progresso desses americanos que acreditam serem brancos, era construído a partir de pilhagem e violência. Ao ouvir isso, senti uma velha e indistinta tristeza se avolumar dentro de mim. A resposta a essa pergunta é o registro feito pelos próprios americanos que nisso acreditam. A resposta é a história americana.

Não há nada de extremado nessa declaração. Os americanos deificam a democracia de tal modo que isso permite uma tênue percepção de que eles, de tempos em tempos, agiram em desafio a este seu Deus. Mas a democracia é um Deus leniente, e as heresias americanas — tortura, roubo, escravização — são tão comuns entre indivíduos e nações que ninguém pode se declarar imune a elas. Na verdade, os americanos, num sentido real, nunca traíram seu Deus. Quando Abraham Lincoln declarou, em 1863, que a batalha de Gettysburg teria de assegurar “que o governo do povo, pelo povo, para o povo, jamais desapareça da face da Terra”, não estava meramente expressando uma aspiração; no começo da Guerra Civil, os Estados Unidos da América tinham um dos mais altos índices de sufrágio no mundo. A questão não é se Lincoln de fato tinha em mente um “governo do povo”, mas o significado que nosso país, no decorrer de sua história, atribuiu ao termo “povo”. Em 1863, ele não significava nem sua mãe ou sua avó, nem mesmo você e eu. Assim, o problema da América não é a traição ao “governo do povo”, mas as maneiras pelas quais “o povo” adquiriu seus nomes.

Isso nos leva a outro ideal importante, que os americanos aceitam de maneira implícita, mas não reivindicam de forma consciente. Os americanos acreditam na realidade da “raça” como uma característica definida, indubitável, do mundo natural. O racismo — a necessidade de atribuir características

profundamente inerentes às pessoas e depois humilhá-las, diminuí-las e destruí-las — é a consequência inevitável dessa condição inalterável. Assim, o racismo é representado como a filha inocente da Mãe Natureza, e as pessoas deploram o tráfico negreiro e a remoção forçada dos índios da mesma forma como se deplora um terremoto, um tornado ou qualquer outro fenômeno considerado além do âmbito da ação dos homens.

Mas a raça é filha do racismo, e não sua mãe. E o processo de definir quem faz parte desse “povo” sempre foi menos uma questão de genealogia e de aspecto fisionômico do que de hierarquia. Diferenças de cor de pele e de cabelo são antigas. Mas a crença na proeminência da cor e do cabelo, a noção de que esses fatores possam organizar a sociedade corretamente e de que significam atributos mais profundos, os quais são indeléveis, é a nova ideia que prevalece no âmago dessas novas pessoas que, de forma desesperançosa, trágica e ilusória, foram levadas a acreditar que são brancas.

Essas novas pessoas são, como nós, uma invenção moderna. Mas, diferentemente de nós, seu novo nome não tem um significado real divorciado do aparato do poder criminal. As novas pessoas eram alguma outra coisa antes de serem brancas — católicas, corsas, galesas, menonitas, judias —, e, se todas as nossas esperanças nacionais forem realizadas, terão de voltar a ser outra coisa. Talvez se tornem verdadeiramente americanas e estabeleçam um fundamento mais nobre para seus mitos. Não consigo antever isso. Por ora, deve-se dizer que o processo de embranquecimento das diversas tribos, de enlevo à crença de ser branco, não foi alcançado por meio de atividades sociais como degustação de vinhos e sorvetes, e sim pela pilhagem da vida, da liberdade, do trabalho e da terra; pelo açoitemento das costas; o acorrentamento dos membros; o estrangulamento de dissidentes; a destruição de famílias; o estupro de mães;